

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR FRENTE ÀS DEFICIÊNCIAS**

Aline dos Santos Nogueira –  
UEL - [alinenogueirarigoni@gmail.com](mailto:alinenogueirarigoni@gmail.com) ;  
Simone Moreira de Moura -  
UEL - [simonemoura@uel.br](mailto:simonemoura@uel.br);

**Eixo 4: Educação Inclusiva**

**Resumo**

Esta pesquisa discutiu a violência escolar no *bullying* nas escolas públicas da cidade de Londrina. Teve como objetivo principal analisar a violência escolar no *bullying* em relação aos alunos que apresentam comprometimentos físico, cognitivo e sensoriais. Seguiram a este, os objetivos específicos: verificação de quais práticas de *bullying* que ocorreram no ambiente escolar em relação aos alunos que apresentavam comprometimentos físico, sensoriais e/ou cognitivo e se estes alunos sofreriam *bullying* em maior proporção. A pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa pautou-se em teóricos como Crochík (2012, 2015), Antunes e Zuin (2008). De maneira geral, constatamos que a violência escolar em relação aos alunos que apresentavam comprometimentos físicos, sensoriais e/ou cognitivos esteve permeada de práticas discriminatórias e preconceituosas, sendo estes alunos destacados como os frágeis, os dessemelhantes e portanto, alvo da violência escolar expressa no *bullying*. Desse modo, consideramos relevante pesquisas sobre o tema da violência escolar, tanto por sua atualidade, quanto pela possibilidade de enfrentamento deste problema tão presente nos espaços escolares.

**Palavras-chave:** Teoria Crítica. Violência Escolar. Deficiências.

**Introdução**

Pontuamos que a violência escolar frente às diferenças manifesta-se por práticas de isolamento, preconceitos, hostilização, representações sociais permeadas por leituras pejorativas acerca dos indivíduos que apresentam algum comprometimento físico, sensorial e/ou cognitivo e que portanto, são significados como desviantes e frágeis.

Embora a educação dessas pessoas tenha sido configurada por sistemas paralelos de ensino, descrédito de suas possibilidades, na atualidade, o processo de pensar o espaço educacional às pessoas que apresentam necessidades educacionais especiais avançou, embora saibamos que na esteira do processo de uma educação inclusiva, se faz necessário que as condições objetivas sejam pensadas para a concretização de uma educação que prime pelo respeito às

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

diferenças e suas demandas específicas, sem desconsiderar os problemas recorrentes que afetam a garantia do acesso, permanência e escolarização.

Levando em consideração esses apontamentos, a pesquisa teve como objetivo geral verificar a violência escolar no *bullying* em relação aos alunos que apresentam comprometimentos físicos, cognitivos e sensoriais nas escolas públicas da cidade de Londrina-PR. Como objetivos específicos, verificar quais as práticas de *bullying* que ocorrem no ambiente escolar em relação aos alunos que apresentam comprometimentos físicos, sensoriais, cognitivos e se estes alunos sofreriam *bullying* em maior proporção.

### **Objetivos**

Objetivo geral: verificar a violência escolar no *bullying* em relação aos alunos que apresentam comprometimentos físicos, cognitivos e sensoriais nas escolas públicas da cidade de Londrina-PR.

Objetivos específicos: verificar quais as práticas de *bullying* que ocorrem no ambiente escolar em relação aos alunos que apresentam comprometimentos físicos, sensoriais, cognitivos e se estes alunos sofreriam *bullying* em maior proporção.

### **Metodologia**

Para a obtenção dos dados, foram aplicados instrumentos de pesquisa em três escolas de diferentes regiões do município de Londrina. Pontuamos que todos os nomes das escolas envolvidas e dos alunos participantes da pesquisa não foram citados, por questões éticas apresentadas no Termo de Consentimento assinado pelos responsáveis dos estabelecimentos.

O questionário de pesquisa foi aplicado para 78 alunos com faixa etária entre 13 e 17 anos, distribuídos em três escolas públicas estaduais do município de Londrina, sendo 26 alunos de uma escola localizada na região central, outros 25 alunos de outra escola também localizada na região central e 27 alunos da região oeste.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

O questionário foi composto por dados pessoais e questões a respeito caracterização das práticas de *bullying* e sua frequência, e caracterização dos agressores e das vítimas de *bullying*.

### **Referencial teórico**

Analisar a violência social é fundamental para compreender sua especificidade no cenário escolar, delimitada nesta pesquisa a uma de suas manifestações, o *bullying*.

Segundo Lopes Neto (2005) o uso do termo violência escolar diz respeito aos comportamentos agressivos e antissociais, detalhados em conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, entre outros. Esse comportamento violento pode ser compreendido como resultante da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais que incluem a família, a escola e a comunidade.

A configuração da sociedade em consonância aos elementos psicológicos, econômicos e políticos atuam na formação da consciência dos indivíduos, que tanto podem se contrapor à violência, como reiterá-la. Considerando a contradição da sociedade, a violência em suas diversas formas impacta os indivíduos e grupos que por não poderem fazer parte da cultura, se voltam contra ela, ressentindo-se.

Nesta direção, considerar o modo de produção capitalista, que no cenário atual apresenta-se em sua versão mais perversa, a condição econômica condiciona o lugar social que se ocupa na estrutura hierárquica, resultando em interesses divergentes e embate entre os membros.

Fatores psicológicos também são responsáveis pela violência ao atuarem na constituição da personalidade que, aliado ao modelo de sociedade influenciam diretamente as relações sociais. Crochík (2012) argumenta que a violência é inerente ao homem, uma vez que somos tendenciados a querer eliminar a tensão, o que leva à agressividade contra a si mesmo e ao próximo.

Assim,

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

[...] a educação ao não considerar que os indivíduos têm também tendências destrutivas, pode incrementar as exigências éticas que não podem ser realizadas nesta sociedade e poderia torná-los vítimas dos que não as seguem ou as burlam de forma consciente ou não. (CROCHÍK et al, 2015, p.02)

Corroborando Freud (2011, p.81) argumenta que

O fato de ocultar ao jovem o papel que a sexualidade terá em sua vida não é a única recriminação que se deve fazer à educação atual. Ela também peca em não prepará-lo para a agressividade, de que ele certamente será objeto. Ao soltar os jovens na vida com uma orientação psicológica tão incorreta, a educação age como quem envia pessoas para uma expedição polar com roupas de verão e mapas dos lagos italianos. Torna-se aí evidente um certo abuso das exigências éticas. A severidade destas não prejudicaria muito, caso a educação dissesse: 'Assim deveriam ser os homens, para serem felizes e tornarem os outros felizes; mas é preciso ter em conta que eles não são assim'. Em vez disso, fazem o jovem acreditar que todos os demais cumprem as prescrições éticas, que são virtuosos.

A manifestação da violência que se apresenta nos indivíduos e também nas instituições sociais devem ser compreendidas como reflexo de questões mais amplas e estruturais referentes não somente a estrutura social, mas igualmente a constituição do ser.

A escola entendida como uma instituição social na qual a violência também se apresenta, é constituída por normas e regras, relações, estranhamentos, proximidades, em que estão presentes obstáculos sociais em que os embates entre o desenvolvimento das relações humanas e os conflitos sociais e psíquicos se configuram. (CROCHÍK, 2012).

Nas escolas, o conflito das relações sociais e a presença da violência, encontram hoje na educação inclusiva, a possibilidade da resistência, uma vez que segundo Crochík e Crochík (2011) "a concepção de educação inclusiva engloba todos os alunos de minorias sociais que devem estudar em conjunto com os demais em salas de aulas regulares" (p.111).

É fundamental a apresentação da relação entre o movimento da sociedade e transformações escolares, ainda que em processos de recuos e avanços frente às diferenças dos alunos.

As mudanças que hoje vivenciamos no âmbito escolar a respeito da inclusão, tem forte relação com as configurações sociais. Crochík e Crochík (2011) argumentam que nesse movimento contraditório da sociedade, ora conservadora, ora

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

progressista, resulta em mudanças também contraditórias. Claro exemplo é a situação a qual, enquanto sociedade nos encontramos, uma vez que as condições para uma nova realidade de justiça e igualdade há tempos é entendida como possível de se materializar, no entanto, o que impede que se efetive?

Com base nos escritos de Adorno e Horkheimer (1985), Crochík e Crochík (2011) argumentam que a atuação da camada dominante em favor do capital trabalha para manter o sistema social que induz a necessidade de produção e consumo, resultando na desigualdade social em que somente um pequeno grupo se beneficia da riqueza acumulada pelo trabalho alheio.

Deste modo, para se manter a ordem social é preciso que os indivíduos não se reconheçam na luta pelos próprios interesses, sendo negado a estes uma formação que possibilite a resistência e a emancipação, condições estas fundamentais para o reconhecimento da condição humana.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985 apud CROCHÍK e CROCHÍK, 2011, p.115).

Nas condições atuais, os próprios bens da fortuna convertem-se em elementos do infortúnio. Enquanto no período passado a massa desses bens, na falta de um sujeito social resultava na chamada superprodução, em meio as crises da economia interna, hoje ela produz, com a entronização dos grupos que detém o poder no lugar desse sujeito social, a ameaça internacional do fascismo: o progresso converte-se em regressão.

Nesta sociedade cabe à ideologia sua atuação para a adaptação do sujeito à sociedade, não negando que a adaptação é necessária para o convívio social, mas não deve ser fim em si mesmo. Isso posto, entende-se que romper com as condições objetivas do sistema e ir contra a barbárie não é uma tarefa fácil, e cabe a reflexão de pensar qual papel pertence a educação.

Com base em Kant (1992) e Adorno (2004), Crochík e Crochík (2011, p.116) argumentam que a esta caberia “fortalecer o sujeito a ser autônomo [...] o sujeito deveria ser formado para resistir à barbárie, inclusive à própria”.

Adorno (1995) reitera que, as possibilidades de mudança dos aspectos políticos, econômicos e sociais são realmente limitadas, no entanto, o caminho da auto-reflexão seria um caminho para impedir que barbáries como *Auschwitz* se repita. O ato de violência contra os demais pressupõe a ausência de consciência, de reflexão sobre si próprio.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

A violência está presente no indivíduo civilizado que tende a desenvolver a ideia de que os mais frágeis representam a natureza não dominada, a lembrança da fragilidade que ele mesmo insiste em negar. (CROCHÍK e CROCHÍK, 2011).

Importante frisar que, uma das formas da violência se materializar, deve-se em grande parte, por indisposição do homem em identificar-se com o outro, considerar sua humanidade, negando aquilo que se apresenta como semelhança.

Neste sentido, consideramos que a escola

[...] não necessariamente fortalece somente os mecanismos sociais que reproduzem a dominação social, também pode formar para a autonomia, que não deve se restringir ao 'saber se virar', mas pensar por si mesmo os conteúdos que transmite e as formas dessa transmissão, autonomia esta que possibilita a crítica social; pode formar também para a identificação com os mais frágeis [...] (CROCHÍK et al, 2015, p. 04)

Por meio da educação a possibilidade de se desconstruir as categorias que rotulam, construindo em seu lugar o entendimento de que anterior ao grupo pertencente, todos pertencem a espécie humana (CROCHÍK e CROCHÍK, 2011) é fundamental, na medida em que comportar a possibilidade de se reconhecer o outro.

No entanto, é importante recordar como discutido anteriormente, que os elementos propiciadores da barbárie encontram-se na cultura.

A indústria cultural nesta direção, cumpre o papel de dar sentido na atualidade, da vida cultural, por meio da racionalidade estratégica, pautada nos interesses capitalistas que resultam ao final, a conformação vigente (MAAR, 1995).

Para Adorno, a indústria cultural corresponde a continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de *Auschwitz*, a racionalização da linha de produção industrial – seja fordista, seja flexível – do terror e da morte. (MAAR, 1995, p.22)

O resultado desta determinação é a pseudoformação, conceito discutido por Adorno no qual a educação é orientada por conteúdos irracionais ou conformistas que não permite ao indivíduo experimentar uma experiência formativa

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

[...] caracterizada pela difícil mediação entre o condicionamento social, o momento da adaptação, e o sentido autônomo da subjetividade, o momento de resistência, rompe-se com *Auschwitz*, que simboliza a dominação do coletivo objetivado sobre o individual e do abstrato formal sobre o concreto empírico (MAAR, 1995, p.26).

Isso posto, a necessidade está em construir a educação para além da apropriação de instrumental técnico e fórmulas de eficiência para o mercado, na esteira contrária, a educação precisa volta-se para o aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro diferenciado (MAAR, 1995).

## **1. BULLYING E SEUS ASPECTOS REGRESSIVOS**

Ao analisar o *bullying* como manifestação da violência, o preconceito deve ser revisitado, na medida em que ambos são formas de manifestação da violência, embora não devam ser compreendidos como equivalentes.

O preconceito é definido como uma atitude não inata ao homem, sendo um “produto das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento [...] e o estereótipo” (CROCHÍK, 2011, p.10). Sua constituição se dá a partir de um conjunto de elementos, que conforme Crochík (2011, p.10) diz respeito à “atribuição de características, comportamentos, julgamentos inerentes ao objeto quando não o são, o que configuraria por uma percepção e por um entendimento distorcidos da realidade”, denotando um pré-julgamento no qual determinações históricas, sociais e psíquicas são projetadas no alvo do preconceito.

Para ilustrar, podemos citar o exemplo do povo judeu e sua relação com o trabalho no comércio, condição laboral esta, que foi definida pela proibição de participarem de outras frentes de trabalho e dos processos de produção, o que propiciou uma tendência em identificá-los como ávidos ao lucro pelo comércio, indicando como “uma situação histórica delimitada é substituída no estereótipo por uma série de características imanentes ao judeu” (CROCHÍK, 2011, p.10).

Esta generalização configura-se como um dos elementos do estereótipo, em que dada característica é aplicada a todos os membros que o indivíduo pertence, o que impede o reconhecimento do indivíduo particular, limitando-o a um rótulo, o que impossibilita a experiência, na medida em que ao reduzir o indivíduo ao rótulo, não permite o estabelecimento da identificação com o outro.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Assim temos preconceitos bem justificados, outros não justificados; preconceitos com alvos bem definidos e preconceitos com alvos não tão bem delimitados e assim facilmente intercambiáveis; podem ser derivados da ideologia que expressa movimentos coletivos ou não. Quando se trata dessa associação com movimentos coletivos, o preconceito tende a ser mais delimitado quanto a argumentação da perseguição e em relação aos alvos do que quando não há essa associação. (CROCHÍK, 2015, p. 37)

*Auschwitz* é um exemplo. Segundo Adorno (1995), se as pessoas não fossem indiferentes aos outros, exceto pelos pequenos círculos de vínculos geralmente balizados por interesses concretos, a barbárie não teria ocorrido, mas justamente “a incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como *Auschwitz* em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas” (ADORNO, 1995, p.134).

A definição de *bullying* é “traduzido como intimidação ou provocação que um indivíduo mais forte ou mais esperto, sozinho ou em grupo, pratique de forma constante e por determinado período contra pessoas que não conseguem reagir a essa hostilidade” (Crochík, 2015, p.38).

Conforme Martins (2005) alguns pontos são recorrentes quanto as características do *bullying*, sendo este compreendido como “o abuso de poder sobre o outro; a repetição do comportamento, ou pelo menos a ameaça de que pode voltar a repetir-se; a intenção deliberada de prejudicar ou magoar o outro; e a situação de vulnerabilidade da vítima” (p. 104).

Ainda segundo Martins (2005, p.104) o *bullying* pode ser:

— **Direto e físico:** inclui bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés, roubar objetos que pertencem aos colegas, estragar os objetos dos colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade;

— **Direto e verbal:** que engloba insultar, chamar nomes ou pôr alcunhas desagradáveis, gozar, fazer reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência dos colegas;

— **Indireto:** que se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares como forma de obter algo do outro ou como retaliação



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

de uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, manipular a vida social dos pares.

Importante sublinhar que o *bullying*, entendido como uma das formas de violência, têm, em sua manifestação, alvos não definidos, a não ser a fragilidade do outro, a necessidade de submeter este outro à sua dominação, destruindo-o, residindo aqui seu caráter regressivo, primitivo.

Sobre este aspecto Crochík (2012, p. 217) alerta que “na atitude de se considerar o *bullying* como brincadeira, desconsideramos não somente a hierarquização social presente nas escolas, como a intenção e frequência de atitudes hostis”

[...] de um aluno mais velho ou mais forte, ou um grupo de alunos, intencionalmente e com frequência, dirigida a um mesmo aluno, podendo gerar diversas consequências psíquicas no que sofre, desde uma angústia acentuada até o assassinato e suicídio. (CROCHÍK, 2012, p.218).

Em relação à hierarquização social que está presente nas escolas, esta diz respeito à separação entre fortes e fracos, aptos e não aptos, bonitos e feios, magros e gordos, negros e brancos, populares e impopulares, características estas que são compreendidas como desejáveis socialmente em detrimento aos valores humanos e ao cultivo do reconhecimento do outro.

Adorno (1995, p.122) acrescenta que

Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e ao mesmo tempo – seja isto verdade ou não – felizes. De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação.

A citação nos convoca a refletir sobre a hierarquização social presente no âmbito escolar, ao ordenar as diferenças e incitar a competitividade gerada na busca de dar respostas às demandas presentes na sociedade, o que pode contribuir para o fortalecimento da violência manifesta no *bullying*, que não diz respeito somente ao indivíduo particular, mas que está presente no sistema político – econômico. (CROCHÍK, 2015).

Atuar contra a barbárie é questão urgente da educação, visto que mesmo diante de todos os avanços tecnológicos, a regressão está presente, na

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

medida em que presencia-se pessoas cada vez mais “[...] tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda a civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza” (ADORNO, 1995, p.155).

A educação inclusiva se configura como um instrumento na luta contra a barbárie, principalmente por se dispor a uma nova reorganização e adaptação a fim de receber as minorias, uma educação para a pacificação.

Como já exposto, a educação deve voltar-se para a formação consciente e para o fortalecimento contra a barbárie. Adorno (1995) argumenta que para isso a experiência intelectual é fundamental para refletir acerca das categorias criadas para a adaptação do homem ao mundo, mas que não pode ser fim em si mesma.

Dessa forma as categorias nas quais são postas as minorias, pelas quais a educação inclusiva luta para que sejam educadas em conjunto com todos não expressam os indivíduos que tentam representar, mas o entendimento que é necessário para que, como conhecidos, não apresentem nenhuma ameaça. A convivência com essas minorias permitiria confrontar o conceito que se tem acerca delas com elas. Antes de um indivíduo pertencer a um grupo, ele pertence a espécie humana, e é com essa que todos deveriam se identificar (CROCHÍK e CROCHÍK, 2011, p.177).

O risco ao categorizar pessoas está em reduzi-las a uma dada característica, e o que é algo externo e secundário transforma-se em essência internalizada. Nesse sentido “poder ser educado contra a barbárie é também pensar as categorias do pensamento e perceber a violência feita ao objeto categorizado” (CROCHÍK e CROCHÍK, 2011, p.117).

Não se trata, portanto, de negar diferenças existentes por diversos motivos, mas poder expressá-las pela universidade da linguagem que permite nomear o diverso. Não a linguagem da clareza, da operacionalidade, da técnica, mas a que expressa o que realmente os homens são e o que poderiam ser (CROCHÍK e CROCHÍK, 2011, p.119).

Nesta perspectiva, a educação inclusiva deve primar em reconhecer que “é possível que os alunos se identifiquem entre si a partir do momento que percebam que nem todos se interessam pelo mesmo assunto e que nem todos

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

aprendem da mesma forma” (CROCHÍK e CROCHÍK, 2011, p.121), sendo a experiência com o outro, um processo fundamental para transpor a violência manifesta no *bullying*.

No entanto, o modo como se organiza a vida social não têm possibilitado que de fato esta experiência ocorra, reduzindo a ação apenas a vivência do cotidiano, situação superficial e não reflexiva para propósitos de mudança (Crochík, 2015).

### **Resultados e Discussão**

Os dados analisados apresentam nítida distinção entre os agressores e as vítimas. Os primeiros como indivíduos fortes, populares. Já as vítimas como indivíduos fracos, impopulares, com alguma característica que foge do padrão imposto pela sociedade como normalidade. A violência se estabelece contra esses sujeitos, pois a diferença é marcada e nesse contexto representa a natureza frágil a qual deveria estar superada (CROCHÍK, 2015, p.39).

No tocante aos sujeitos que apresentam comprometimentos físicos, intelectuais e sensoriais, inferimos que os mesmos não receberam nenhum voto como sendo os indivíduos que praticam o *bullying*, mas, como vítimas ao terem recebido 43 votos como sendo os alvos das práticas. Segundo Crochík (2012, p.216), “a perseguição aos que parecem frágeis é marca frequente em diversas formas de preconceito, fenômeno esse que compõe boa parte da violência existente em diversas épocas e em distintos lugares”.

A respeito das práticas de *bullying*, as principais e com maior frequência foram os Xingamentos (55,13%), as ameaças de apanhar (42,31%), a agressão física (32,05%), a propagação de boatos (32,05%), as atitudes de excluir ou rejeitar os demais colegas (30,77%), o uso de apelidos ofensivos (38,46%). A pesquisa confirma os três tipos de *bullying* proposto por Antunes e Zuin (2008).

A respeito da percepção dos motivos que levariam os alunos a praticar ações agressivas, em escala decrescente às alternativas, receberam mais votos, com 50 respostas, a opção falta de respeito, em segundo com 46 votos a opção de não terem o que fazer, na sequência com 38 votos, a falta de limites, e em quarto, com 27 votos, a relação entre tais práticas e o preconceito.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

## **Conclusões**

A pesquisa possibilitou verificar que as práticas de *bullying* contra os sujeitos que apresentam comprometimentos físicos, cognitivos e sensoriais são práticas carregadas de pressupostos ideológicos que envolvem tanto a estrutura social hierárquica, quanto os conflitos psicológicos.

Destacamos nesse sentido, a relação hierárquica social expressa no âmbito escolar, na medida em que a violência envolve sistemas político e econômico que influencia a relação de poder, propiciando a ordenação entre os mais fracos/fortes, os mais aptos/menos aptos, os mais espertos/frágeis.

Destarte, é necessário que o *bullying* seja compreendido por todos como uma forma de violência escolar, e que como toda violência, pode gerar danos, não devendo ser estas práticas naturalizadas como mera brincadeira entre os colegas, sendo preciso compreender que “o *bullying* aparece como um fenômeno que transmite a negação da aceitação e do respeito pelas diferenças dos indivíduos através de violência” (SELINGARDI, 2012, p.30) e nesse sentido, não deve ser interpretado como geralmente é, como mera brincadeira.

Para que a educação inclusiva ocorra efetivamente, é preciso enfrentar os elementos que atuam na violência manifesta no *bullying* e compreender que a intolerância frente às diferenças diz respeito a uma sociedade que integra, desintegrando, em outras palavras, “quem é incluído não é necessariamente o indivíduo, mas sua negação, [...] no mesmo ato de inclusão, a exclusão se apresenta” (CROCHÍK, 2012, p.217).

Desse modo, caberia a nós a reflexão e crítica ao modelo social imposto, bem como as relações sociais mantidas que carregam o pressuposto da competição, da não identificação e da negação frente às diferenças. Dentre as possibilidades de efetivação de uma educação que prime pela sensibilidade, caberia entender que a essência está na diferença e a grandeza humana no respeito à humanidade.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**Agradecimentos**

Agradeço a orientadora Professora Dra. Simone Moreira de Moura e à Universidade Estadual de Londrina pelo incentivo e oportunidade.

**Referências**

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie a educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, jan, p. 33-42, 2008.

CROCHÍK, José Leon. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. **Psicologia Política**, v.12, n. 24, mai-ago, p. 211-229, 2012.

\_\_\_\_\_. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. **Movimento**, v. 2, n. 3, p. 29-56, 2015.

\_\_\_\_\_. Preconceito, indivíduo e sociedade. In: CROCHÍK, José Leon (org). **Preconceito e educação inclusiva**. Brasília: Sdh/Pr, 2011, p.9 - 31.

CROCHÍK, José Leon; CROCHÍK, Nicole. Teoria crítica e educação inclusiva. In: CROCHÍK, José Leon (org). **Preconceito e educação inclusiva**. Brasília: Sdh/Pr, p.111-128, 2011.

CROCHÍK, José Leon et al. Teoria Crítica da sociedade, investigação social empírica e educação inclusiva. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 2, p. 01-09, 2015.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Editora Companhia das Letras, 2011.

MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. **Educação e emancipação**, v. 3, p. 11-28, 1995.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18, n. 1, p. 93 – 115, 2005.

MOURA, S.M. **Reflexões sobre os limites da educação inclusiva em uma sociedade desigual: possibilidades de superação**. 2017 (no prelo).

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

SELINGARDI, L. A. S. **Bullying: um fenômeno social e cultural**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – UNICAMP, Campinas, 2012.